

JUVENTUDES PERIFÉRICAS HIPERCONECTADAS E OS DESAFIOS DO ACESSO QUALIFICADO NA TECNOCULTURA: Uma Perspectiva da Comunicação Cidadã¹

José Ardonio de Araujo Silva - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho" (Unesp)

RESUMO

Este trabalho analisa os impactos negativos da hiperconectividade em juventudes universitárias periféricas. A pesquisa investiga como grandes corporações de tecnologia operam no Sul Global, lucrando com dados e publicidade, sem promover o desenvolvimento local. O objetivo é analisar de que forma essa exploração e a iniquidade no acesso qualificado à informação impactam a cidadania e a produção cultural nas periferias, expondo um modelo que perpetua desigualdades em vez de promover a equidade.

PALAVRAS-CHAVE Juventudes Periféricas; Hiperconectividade; Tecnocultura; Acesso Qualificado; Comunicação Cidadã.

1 INTRODUÇÃO

A tecnocultura contemporânea, caracterizada pela onipresença de redes sociais e dispositivos móveis, transformou profundamente a vida das juventudes brasileiras. Contudo, essa hiperconectividade não se traduz automaticamente em inclusão e acesso equitativo. Pelo contrário, ela pode exacerbar desigualdades já existentes, criando barreiras para grupos em situação de vulnerabilidade, como as juventudes universitárias periféricas. Nosso foco se concentra em como o acesso qualificado à informação e à educação se torna um desafio nesse contexto, especialmente para jovens de São Paulo, onde as disparidades socioespaciais são mais evidentes.

A dificuldade aqui não se restringe à mera falta de acesso à internet, mas à capacidade de navegar por um universo informacional complexo e caótico. Conforme aponta Rothberg (2011), o acesso à informação é um dos pilares da cidadania, mas a sua qualidade é fundamental. Nesse sentido, fenômenos como a infodemia, as *fake news* e as bolhas de filtro se configuram como "doenças sociais da tecnocultura" (SAAD, 2011), precarizando o acesso e exigindo novas estratégias de letramento digital e de comunicação cidadã.

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, Identidades e Cidades da XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas/TO.

Objetivos e Justificativa O objetivo principal deste trabalho é analisar como as juventudes periféricas, apesar das barreiras, utilizam a hiperconectividade para a produção cultural e o engajamento cidadão. A relevância do estudo reside na necessidade de compreender as dinâmicas de exclusão e as formas de resistência que emergem em um cenário digital desigual. Ao focar nas juventudes universitárias periféricas, o trabalho contribui para o debate sobre inclusão digital, letramento e cidadania, oferecendo *insights* sobre como a comunicação pode ser um instrumento de empoderamento e transformação social.

2 METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem exploratória e qualitativa. A pesquisa se baseia em um estudo de caso exploratório com questionários *online* aplicados a juventudes universitárias residentes em áreas periféricas de São Paulo. A coleta de dados visa compreender as práticas e percepções dos jovens em relação à conectividade, ao acesso qualificado e à produção de conteúdo. A análise dos resultados será complementada pela revisão bibliográfica de autores que discutem a cidadania, a tecnocultura e as desigualdades regionais.

3. AÇÕES COMUNICACIONAIS, PRODUÇÃO CULTURAL E TERRITORIALIDADES

Diante dessas iniquidades, as juventudes periféricas não são passivas. Elas utilizam a hiperconectividade para a produção cultural e o engajamento cidadão. A pesquisa busca analisar como esses jovens se mobilizam em redes, produzem conteúdo próprio (músicas, *podcasts*, vídeos) e buscam ou trocam informações relevantes para sua realidade, manifestando sua cidadania em suas territorialidades. Conforme os estudos de Passarelli (2007), a apropriação e o uso criativo das tecnologias são cruciais para a expressão cultural e a construção de identidades, um processo que se torna ainda mais relevante em comunidades sub-representadas.

Essa produção cultural e comunicacional se configura como uma forma de comunicação cidadã alternativa, que resiste à hegemonia da mídia tradicional e à desinformação. O engajamento em causas sociais e políticas locais, a busca por informação sobre direitos e a criação de espaços de discussão *online* são evidências de como essas juventudes constroem suas próprias agendas, reforçando o sentido de comunidade e pertencimento.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares da pesquisa indicam que, apesar da ubiquidade das tecnologias digitais, a qualidade do acesso e o letramento digital permanecem como barreiras significativas para as juventudes universitárias periféricas de São Paulo. Observa-se que a posse de dispositivos móveis e a conexão à internet não garantem, por si só, o acesso a informações qualificadas ou a oportunidades educacionais e profissionais de alto nível. Muitos jovens relatam dificuldades em discernir informações confiáveis das *fake news*, além de se sentirem aprisionados em bolhas de filtro que limitam a diversidade de perspectivas (SAAD, 2011).

No entanto, a pesquisa também revela um protagonismo vibrante dessas juventudes na produção de conteúdo e na comunicação cidadã. Eles utilizam as plataformas digitais para criar narrativas próprias, que refletem suas realidades e desconstróem estereótipos. A produção de músicas, *podcasts* e vídeos se torna uma ferramenta potente de expressão cultural e de resistência, como apontado por Passarelli (2007) em seus estudos sobre apropriação social das tecnologias. Essa auto-organização digital e o engajamento em causas sociais e políticas locais demonstram um uso estratégico da hiperconectividade para a mobilização e a transformação social, corroborando a ideia de que a comunicação pode ser um motor de mudança (FIGARO, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo reitera a complexidade do acesso à informação e à educação para juventudes periféricas em um cenário de hiperconectividade. As conclusões esperadas apontam que a comunicação cidadã, quando protagonizada por esses jovens, pode ser um vetor de inclusão e emancipação, revelando tanto os desafios quanto as potencialidades da tecnocultura e das desigualdades regionais.

A pesquisa reforça a necessidade urgente de políticas públicas e iniciativas comunicacionais que promovam o letramento digital, a qualidade do acesso e valorizem a produção de conhecimento e cultura que emerge das periferias. É fundamental que as plataformas digitais se tornem espaços de democratização da informação e de empoderamento, contribuindo para a construção de uma sociedade mais plural, democrática e participativa, onde o acesso qualificado à informação seja um direito universal, e não um privilégio.

Referências

BARROS, Laan Mendes de. Apropriação das tecnologias de comunicação por grupos populares: desafios da pesquisa e da prática. **Comunicação, Cultura e Consumo**, São Paulo: ECA-USP, v. 11, n. 30, 2014. p. 11-26.

FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho: uma leitura na perspectiva do materialismo histórico**. São Paulo: Atlas, 2012.

PASSARELLI, Brasilina. O uso de novas mídias e apropriação social: a experiência do Telecentro de São Paulo. In: PASSARELLI, Brasilina;

CASTELLANOS, Samuel. **Cultura e Tecnologias de Informação e Comunicação: novos cenários, novos discursos**. São Paulo: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 109-122.

ROTHBERG, Danilo. **Cidadania, mídia e informação: a agenda da ética e da inclusão**. Bauru: Edusc, 2011.

SAAD, Elizabeth. **Saúde, comunicação e tecnocultura: a infodemia e o novo século**. São Paulo: ECA-USP, 2011.